

AÇOREANA

REVISTA DE ESTUDOS AÇOREANOS

BOLETIM DA SOCIEDADE AFONSO CHAVES
ANGRA DO HEROÍSMO — AÇORES

1935

JUNHO

N.º 2

A indústria popular de tecidos no distrito de Angra do Heroísmo

Por LUIS DA SILVA RIBEIRO



OS MONTANHEIROS

SOCIEDADE DE EXPLORAÇÃO ESPELEOLÓGICA
Rua da Rocha, n.º 66 - 9700 Angra do Heroísmo
Telefone (095) 22992



OS MONTANHEIROS

SOCIEDADE DE EXPLORAÇÃO ESPELEOLÓGICA
Rua da Rocha, n.º 66 - 9700 Angra do Heroísmo
Telefone (095) 22992

Ao Maduro Dias

As condições económicas, ao tempo em que os Açores começaram a ser povoados, obrigaram os primeiros povoadores a estabelecer nas ilhas a indústria da tecelagem, como o atesta Gaspar Fructuoso em mais de um passo das *Saudades da Terra*.

Mudaram as circunstâncias, os progressos das indústrias fabris no último século multiplicaram as fabricas de tecidos, cujo preço barateou, e a gente açoreana começou a vestir-se com panos de fabrico inglês ou continental; mas, a-pesar-da concorrência que estes lhe faziam, a indústria caseira da tecelagem não morreu, talvez por causa da maior duração e melhor qualidade dos tecidos, que não obstante o seu peor aspecto, são muito mais próprios do que os importados para satisfazerem as necessidades do camponês, e, ainda hoje, em todo o arquipélago, se tece nas freguesias rurais.

A indústria popular perdeu bastante da sua primitiva importância e teve mesmo de se modificar consoante as novas exigências da vida moderna, mas conserva ainda assim uma vitalidade muito maior do que, à primeira vista, era lícito supor.

No distrito de Angra e em especial na Ilha Terceira, a tecelagem manual atingiu em tempos idos um alto grau de perfeição, que mantém, e mereceu certa protecção dos poderes públicos.

A fim de evitar que se arvorasse em tecelão quem não possuisse as necessárias habilitações e assim baixasse a qualidade do produto, as posturas municipais do concelho de Angra de 1788 proibiam que usasse do ofício, tecendo para o público, todo aquele que não possuisse

Ornitologia açoreana

Notas sobre alguns trabalhos recentes

Desde a publicação em 1905 do trabalho de E. Hartert e O. Grant sobre as aves dos Açores (1) passaram-se cerca de duas dezenas de anos sem que uma nova contribuição para o estudo da avifauna do arquipélago aparecesse a público.

Hartert compendia no seu trabalho clássico «Die Vögel der Paläarktischen Fauna» (2) tudo quanto, até à data da conclusão dessa monumental obra, se pôde apurar sobre o assunto. Em outros autores modernos, de menor tom, se encontram também mencionadas as aves açoreanas, incluindo um grande número daquelas que só acidentalmente aqui foram vistas ou capturadas (3).

Em 1922 Dwight publicou um trabalho sobre as gaivotas dos Açores (4), ao qual mais adiante teremos oportunidade de nos referirmos.

Em 1923 escreveu o coronel Chaves uma interessante monografia sobre o priolo, (5) a mais interessante das aves do arquipélago.

No mesmo ano publicou Murphy um curto estudo sobre algumas aves açoreanas (6), apontando duas capturas de espécies novas de passagem.

O mesmo autor, com o naturalista Chapin, publicou daí a pouco um trabalho muito mais desenvolvido e importante (7) sobre o mesmo

(1) E. Hartert and W. R. Ogilvie Grant. — On the Birds of the Azores, in — *Novitates Zoologicae*, 1905, xii, pp. 80-128.

(2) 3 vol. e apêndice. Berlim, 1903-1923.

(3) Para só cifarmos as que possuímos apontaremos as seguintes : Chevalier G. van Havre. — *Les Oiseaux de la Faune Belge*. Bruxelles, 1928. Arrigoni degli Oddi. — *Ornitologia Italiana*, Milano, 1929.

W. B. Alexander. — *Birds of the Ocean*, New York — London, 1928.

(4) J. Dwight. Description of a new race of the Lesser Black-backed Gull from the Azores, in — *American Museum Novitates*, 1922, No. 44, pp. 1-2.

(5) P. A. Chaves. O Priolo, in - Os Açores, Ponta Delgada, 1923.

(6) Robert C. Murphy. — Notes on a small collection of birds from the Azores, in - *The Ibis*, 1923, pp. 44-49 and 190.

(7) R. C. Murphy and James P. Chapin. A collection of Birds from the Azores, in - *American Museum Novitates*, 1929, pp. 1-23.

assunto, não abrangendo na sua totalidade todas as espécies capturadas ou recolhidas, mas tratando, em compensação, com grande desenvolvimento alguns dos problemas mais interessantes da ornitologia insular.

Murphy escreveu ainda em 1931 um pequeno artigo sobre a nidificação da galinha d'água⁽¹⁾ e D. Bannerman ocupou-se no mesmo ano da pomba de rocha dos Açores e da Madeira⁽²⁾.

O trabalho destinado a constituir por muitos anos a obra clássica sobre a avifauna do nosso arquipélago apareceu porém sómente no ano de 1932, coincidindo com a comemoração do quinto centenário do descobrimento dos Açores, e subscrevem-no dois dos nomes mais consagrados na ornitologia francesa e mundial, MM. Jacques de Chavigny e Noël Mayaud⁽³⁾.

Fazendo deste trabalho uma resenha, aludiremos nas ocasiões oportunas aos outros estudos a que atrás nos referimos.

Antes, porém, de abordar o assunto, seja-nos permitido fazer uma referência, embora breve, aos açoreanos que, como dedicados e conscientiosos colectores ou preparadores de materiais para os estudos apontados, tornaram possíveis os trabalhos dos naturalistas que os compuseram.

O snr. José G. Correia, dos Flamengos, Ilha do Faial, a quem o acaso dum viagem levou ao encontro do Dr. Murphy, conservador da secção de aves do museu de Nova York, reuniu nos Açores os materiais de estudo para esse ilustre naturalista, e tem-se notabilizado como um habil e dedicado colector de aves em diferentes regiões do globo, para o Museu Americano. Da sua visita a Angra em 1901 conservamos a melhor recordação.

Aos snrs. António Pacheco de Castro, de Ponta Delgada, e professor Manuel Dionísio, da Horta, devem os snrs. De Chavigny e Mayaud a quasi totalidade das aves e posturas dos Açores, que possuem. Como seu intermediário junto dos ilustres naturalistas, posso avaliar melhor do que ninguém até onde tem ido a sua proficiência, a sua paciência e a sua dedicação.

Muitas outras pessoas me ajudaram também a colher ou preparar materiais para os dois ornitólogos. Citarei três que seria duma injustiça esquecer: Manuel de Vasconcelos, o saudoso preparador do Museu Carlos Machado, mestre inequivalível; o snr. João Soares de Lacerda, picoense, que há anos vive em Angra do Heroísmo e que sempre tem posto à minha disposição desinteressada e gentilmente a sua perícia inexcedível em trabalhos de taxidermia; o snr. Pedro Penedo da Rocha,

⁽¹⁾ R. C. Murphy. — Nidification of the Azorean Moorhen and other Species, in — *The Ibis*, 1931, pp. 572-573.

⁽²⁾ David Bannerman. — Description de *Columba livia atlantis*, sp. nov. des Açores et de Madère. in-Bull. of the British Ornithologists club, 1931, pp. 115-116.

⁽³⁾ J. De Chavigny et N. Mayaud. — Sur l'Avifaune des Açores. Généralités et Étude contributivé. in-Alauda, 1932, pp. 133-155, 304-348 et 406-441.

o dedicado professor a quem todos quantos alguma coisa pretendem da pequena e formosa Ilha do Corvo, são devedores das mais calvinantes atenções.

O snr. Dr. António Vicente, de Ponta Delgada, os snrs. padres Ernesto Ferreira, de Vila Franca do Campo, Manuel de Matos, da Calheta, o Dr. Ramiro Machado, da Praia da Vitória, e tantos a quem seria longo enumerar, forneceram-me também materiais e informações, permittiendo-me assim todos eles figurar, afinal só como seu intermediário, como principal colaborador na monografia dos snrs. De Chavigny e Mayaud.

Confessa-lo é a melhor prova de reconhecimento que lhes posso dar. E seja-me lícito afirmar, em abono da gente açoreana, que em nenhuma parte um naturalista ou outro homem de ciência encontra tantos colaboradores e informadores desinteressados e obsequiosos, como nestas ilhas. Honra lhes seja.

Após uma introdução os snrs. De Chavigny e Mayaud começam por umas «considerações gerais» apresentando alguns dados sobre a geografia física, o clima e a flora dos Açores, conducentes a certas conclusões sobre a avifauna actual do arquipélago.

M. Mayaud, (1) divergindo da nossa opinião, começa por afirmar que «certos dados florísticos e faunísticos» o fazem inclinar para a hipótese de que os Açores sejam os vestígios de um antigo continente desaparecido, que alguns querem identificar com a Atlântida de Platão. Uma opinião que muito alegrou M. Paul Le Cour, quando da sua viagem recente aos Açores, apesar de não vermos que faça menção dela no seu interessante artigo, agora mesmo publicado no número da revista *Atlantis*, que dirige, e consagrado a *Portugal, Açores, Atlântida*. É assunto para dele nos ocuparmos noutra ocasião.

A seguir ocupa-se da origem das plantas e dos animais dos Açores, um assunto de tal interesse, que não nos pouparamos a traduzi-lo na íntegra:

«Qual é a origem da Flora e da Fauna açorianas? São de importação continental recente, confirmando a hipótese da formação oceânica, estritamente «insular» do arquipélago, ou apresentam caracteres autóctones, que permitem considerá-las como relíquias continentais, validando a hipótese das ilhas «continentais»?

«Podem distinguir-se na flora dois elementos, afóra os vegetais introduzidos pelo homem: um elemento muito antigo, comum com outras ilhas atlânticas, de que *Adiantum reniforme* L. é um bom exemplo. Este feto, fóssil no continente europeu (tufo pliocénico do Tejo), vive actualmente na Madeira e nos Açores. Um elemento mais recente, de afinidades mediterrâneas e norte-africanas, sobretudo, forma

⁽¹⁾ No texto estão assinaladas as partes devidas a cada um dos co-autores.

o fúndido da flora actual. (3) Águia-real é, por certo, um género endémico, ao contrário da Madeira.

«No que diz respeito à fauna, os mesmos dois elementos podem ser reconhecidos. Os animais inferiores oferecem relíquias terciárias: são principalmente moluscos (heliceanos). O mais notável destes heliceanos é *Craspedopoma hesperium* MONTAGN ET DROUET, actualmente confinado às ilhas atlânticas. Este género não se encontra senão no estado fóssil no continente europeu, desde o eoceno até ao fim do mioceno.»

«Se parece portanto que uma parte da flora e certos animais inferiores puderam sobreviver ás convidões eruptivas açoreanas dos tempos terciários, graças verossimilmente em parte á sua facilidade de adaptação elles permitir passar épocas desfavoráveis ou contrárias ao seu desenvolvimento sob uma forma vegetativa, não aconteceu o mesmo aos vertebrados, privados do recurso dum estado vegetativo.

«Os mamíferos, com excepção de um morcego endémico, vindo pelas suas próprias azas, forma vizinha dum morcego europeu e continental, não compreendem senão roedores ou carnívoros importados. Ha contudo que saber ainda se não serão indígenas a doninha (raça norte-africana) e o coelho, que certos autores consideram como endémicos (Cf. L. JOLNAU, «Etudes de Géographie Zoologique sur la Berberie 1. Les Rongeurs. 2 Les Léporidés. Le Lapin», *Bull Soc. Zool. de France* XLV, n.os 3-7, 1920, pp. 106-112) (4).

«Estudemos agora os caracteres do povoamento de aves. A este respeito devemos tomar em consideração os caracteres da flora e outros elementos da fauna dos Açores, assim como o facto de todas as ilhas atlânticas (Açores, Madeira, Canárias e Cabo Verde) terem uma flora e uma fauna muito semelhantes e, no conjunto, de uma grande homogeneidade. É escusado dizer que nesta última apreciação devem-se ter em conta as diferenças climáticas (clima húmido dos Açores e da Madeira, desértico das ilhas de Cabo Verde) e certas circunstâncias particulares, pois as Canárias estiveram ligadas ao continente até uma época relativamente recente.

«Mas, primeiro que tudo, recordemos a tradição — bem pouco verossímil — segundo a qual os navegadores portugueses, quando foi do descobrimento dos Açores (5) não teriam ali encontrado nenhum animal vivo, á exceção de «aves marinhas» e invertebrados.

(3) Pelo que diz respeito ao coelho Joleau diz que «... a sua qualidade de indígena nos Açores parece provada pelo nome de *L'île Conigli* dado ás Flores na carta de Soleri, em 1345, cerca de cem anos antes da instalação dos portugueses no arquipélago». Esta dedução é ritidamente contraditada por M. Agostinho que nos declarou que esse nome não tinha qualquer fundamento e fora inventado pelos autores de portulanos. (Nota de M. Mayaud).

(4) Nem todas foram descobertas no mesmo ano: assim os socbedos das Formigas foram-no em 1431, Santa Maria a 15 de Agosto de 1432, Il. Miguel a 8 de Maio de 1444, etc. (Nota de M. Mayaud).

«A etimologia da palavra Açores (1), por si só, tende a favor de que aves da ordem dos «Accipitres» viviam nas ilhas ao tempo do seu descobrimento. Na realidade a palavra «Açor» é o nome português do *Accipiter gentilis*, espécie que nunca existiu nos Açores. Os autores tem sucessivamente pensado tratar-se dum erro ornitológico e que os primeiros navegadores tinham feito confusão entre o açor e o milhafre *Buteo buteo*, presentemente bastante comum nas ilhas. Seja como for, é ainda e tem sido sempre dito que o nome de Açores, dado ao arquipélago, o foi por causa do grande número de milhafres com que os marinheiros de Cabral depararam á sua chegada.

«Uma outra explicação etimológica, pelo menos engenhosa, é-nos dada por Martim de Behaim numa inscrição do seu globo de Nuremberg. Behaim diz-nos que os portugueses, á sua chegada, acharam «aves marinhas» tão numerosas e tão mansas — tomaram-nas ás mãos segundo diz Frutuoso — que as compararam muito naturalmente aos açores da caça de altanaria; trazidos á mão pelos falcoeiros desse tempo.

«Frutuoso, que escrevia apenas um século após o descobrimento, faz eco duma tradição recente e, por consequência, é verossímil que a menção que ele faz da extrema familiaridade das aves marinhas, assente em dados verídicos. Não ha aliás dificuldade em conceber que os marinheiros portugueses, se divertissem a agarrar e a trazer na mão gaivotas, cagarros ou oceanodromas — o que é fácil aliás para as aves destes dois últimos géneros — o que podia muito bem evocar no seu espírito o espectáculo visto na Europa, das caças de altanaria, que estavam então no seu apogeu (2).

«Esta tradição, aliás, segundo a qual nenhuma ave terrestre existiria nos Açores antes da colonização humana, está em contradição com as afirmações de Drouet. Ele fala da grande abundância de milhafres, pombas, meiros e canários que os primeiros colonos encontraram e, um pouco mais longe, diz que as pombas, ao tempo de descoberta, eram tão numerosas e tão pouco bravias, que vinham pousar nos ombros dos homens! Trata-se da pomba de rocha *Columba livia* e não do pombo torcaz.

«Não é verossímil, por outro lado, que o arquipélago dos Açores não tenha sido povoado por aves terrestres antes da colonização humana. A maior parte das espécies açoreanas não são comensais do homem. A sua introdução pelo homem é tão pouco verossímil como a sua vinda natural, posterior ao povoamento humano, que, antes pelo contrário deve ter prejudicado o meio escolhido por certas espécies. Por isso rejeitamos absolutamente, a não ser para duas ou três espécies verossimilmente importadas, a hipótese de um povoamento de aves, em espécies terrestres, posterior do homem».

(1) Daqui em diante a exposição é de M. De Chavigny.

(2) Termina o parentesis de M. De Chavigny e segue a narração de M. Mayaud.

Segue-se outro parêntesis de M. De Chavigny:

«Convém assinalar que Frutuoso escreve que na sua época existiam já nos Açores as espécies terrestres seguintes: milhafre, toutinegra, melro preto, forfolha, labandeira, tentilhão, canário, píollo, estorninho, pombo torcaz, pomba de rocha, perdiz e codorniz. Ele não assinala, por outro lado o mocho, a vinagreira, o verdelhão e o pintassilgo, que não se encontram porventura no arquipélago senão nos últimos tempos.

Indiquemos que Frutuoso fala também duma ave, a que chama pétio e que poderia ser o *Dryobates minor* (f. pic épeichetto), espécie de que não há hoje vestígios.

É também de notar que o píollo existia já no tempo de Frutuoso.

Terminam aqui as considerações gerais dos autores sobre as ongues das aves dos Açores, com base na tradição. A questão é do maior interesse, porque o problema ornitológico poderia vir aqui em auxílio do problema geológico, muito mais importante certamente. A debatida questão da Atlântida, sobretudo, poderia ter aqui uma ponta de veu levantada. Infelizmente, tanto na exposição que traduzimos, como no que se lhe seguirá, pouco se adianta.

O conhecimento da fauna açoreana à data do povoamento das ilhas, é matéria difícil.

A forma mais segura de chegarmos a saber quais as espécies animais aqui existentes quando para aqui começaram a vir os primeiros povoadores, seria o exame de vestígios existentes no terreno.

É frequente encontrarem-se entre as cinzas vulcânicas e tufo do arquipélago moldes de folhas de plantas soterradas pelos produtos muito fragmentados das erupções. Não se faz uma escavação mais profunda no tufo que cobre o solo onde assenta a cidade de Angra, e que provem da erupção que formou o Monte Brasil, que não se tope com os vestígios de uma extensa mata de loureiros que cobria esta parte da ilha há muitos séculos. Mas, se os vestígios de plantas se conservam rasoavelmente, os de animais somem-se com extrema facilidade. E não há até hoje, de nosso conhecimento, quem tenha encontrado uma ossada, incompleta que fosse, num terreno que date incontestavelmente de época anterior ao povoamento do arquipélago.

Nos conglomerados que os desabancamentos de rochas põe à descoberto, encontram-se conchas que accusam uma fauna semelhante à actual, mesmo nos terrenos mais antigos. Mas, embora tenhamos feito algumas pesquisas em antigos leitos de ribeiras cortados hoje pela costa, e onde seria porventura mais fácil achar restos de vertebrados, todos os nossos esforços tem sido inúteis. E não julgamos que outros hajam sido mais felizes.

À parte, pois, os fosseis da Ilha de Santa Maria que permitiram lançar uma conjectura sobre a idade da formação geológica do arquipélago (1), nenhum outros vestígios animais tem sido até hoje encon-

(1) Hartung, *Die Azoren*, Leipzig 1861, p. 116.

trado, nem se tem ainda colhido suficientemente sobre a fauna do arquipélago, a sua povoamento, muito especialmente no que diz respeito à vertebrados.

E é esta uma grande falta, pois que, como vamos ver os meios indirectos para chegar a tal conhecimento são bastante fálieis.

Desses meios um é a tradição escrita. Dela nos vamos ocupar mais adeante. O outro seria o exame das espécies actuais e o estudo da sua diferenciação. Se ha espécies cuja introdução pelo homem é sobejamente conhecida (1), outros ha de origem duvidosa. ora algumas destas últimas espécies não apresentam caracteres particulares que as distingam das espécies idênticas existentes noutras terras, ao passo que outras, como havemos de ver, ressentem-se de tal modo da influência do meio onde presentemente vivem, que os naturalistas não hesitam em formar com elas raças, variedades, ou mesmo espécies particulares.

Sendo assim, natural seria supor que as espécies mais diferenciadas seriam as de mais longa permanência no arquipélago, porventura aquelas que, de certeza, aqui viveriam já antes dos meados do século XV, quando para cá vieram os primeiros portugueses.

A verdade porém é que nem todas as espécies reagem no mesmo grau em presença do meio para onde são deslocadas, de forma que encontramos hoje espécies que temos a certeza de terem vivido aqui ha mais de três séculos e que poucos caracteres novos adquiriram, e, por outro lado outras espécies aqui introduzidas recentemente apresentam já um elevado grau de diferenciação. Por exemplo a rã, introduzida em S. Miguel ha pouco mais de cem anos, apresenta, ha mais de trinta, cor diferente e notaveis alterações no aparelho digestivo, no sistema circulatorio, etc. (2).

Vemos pois que o maior ou menor grau de diferenciação das espécies actuais é também argumento bastante precário, quando pretendemos fazer conjecturas sobre a fauna açoreana de ha cinco séculos.

Resta o recurso á tradição. E lá temos de ir socorrer-nos dos velhos cronistas quasi todos de reputação combalida, em resultado das controvérsias levantadas a propósito do descobrimento do arquipélago.

Na valiosa *Coleção de documentos relativos ao descobrimento e povoamento dos Açores*, publicada em Ponta Delgada, por ocasião da comemoração do centenário, em 1932, sob a direcção do eruditíssimo investigador, Dr. Manuel Monteiro Velho Arriuda, encantramos arrumados quasi todos os materiais de que carecemos para o exame da tradição

(1) Ver a este respeito os trabalhos de F. A. Chaves:

—Bibliografia Zoológica dos Açores, Lisboa 1906.

—Introdução de algumas espécies zoológicas nos Açores. Ponta Delgada, 1912.

—O Píollo, in-*Os Açores*, 1923.

(2) F. A. Chaves. — Introdução de algumas espécies zoológicas nos Açores, cit. p. 7.

no que diz respeito aos animais aqui encontrados pelos primeiros povoadores.

Azurara (1) nada nos diz a respeito dos animais encontrados nos Açores, mas faia-nos da introdução dos coelhos em Porto Santo, por Bartolomeu Perestrelo, e afirma que os primeiros navegadores, que aportaram á Madeira viram a terra «de bons ares e sádia, e de muitas aves, que logo no começo tomavam com as mãos...»

Diogo Gomes de Sintra, contemporâneo dos primeiros povoadores dos Açores, escreveu uma breve narrativa *De inventione insularum de Açores* (2) onde diz que os navegadores, que o infante D. Henrique mandou, ao entrarem na primeira ilha que encontraram (Santa Maria) acharam-na desabitada e, andando por ela, encontraram muitos açores (3) (*muitos astures seu açores*), e outras aves; e passando a segunda, que hoje se chama S. Miguel, que igualmente estava desabitada, acharam muitas aves e açores... Daí viram outra ilha que na actualidade (4) chama Terceira, a qual á semelhança da Ilha de S. Miguel, estava cheia de árvores, aves e muitos açores... Refere-se depois á introdução dos animais domésticos nas ilhas e cita: porcos, vacas, ovelhas e cavalos.

Martim de Behaim (5), quasi contemporâneo dos primeiros povoadores, genro do primeiro capitão donatário do Faial, o flamengo Jobsten van Hürter, deixou no seu célebre globo, existente em Nuremberg, sua cidade natal, uma legenda respeitante ás ilhas dos Açores, que não pudemos ainda ler no original, mas de que ha várias traduções, todas concordes em afirmar que os portugueses que aqui primeiramente desembarcaram, só acharam desertos e aves tão mansas que não fugiam de ninguém, pois não havia aqui, nem homens, nem quadrúpedes. «*Por isso chamaram a estas ilhas, ilhas dos Açores.*

Valentim Fernandes (6), alemão, que escreveu mais tarde (1507) uma *Descrição das ilhas do Atlântico*, inspirada na narrativa de Diogo Gomes, corrobora que as ilhas estavam despovoadas, mas que tinham muitos açores, «pelo qual ficou a estas ilhas o nome de Açores».

Destas narrativas conclui-se que nestas ilhas dos Açores não havia

(1) *Coleção*, p. 3-5.

(2) *Coleção*, p. 7-10.

(3) Na tradução que vêm na *Coleção*, exibida aliás do *Arquivo dos Açores* diz-se «milhares ou açores» e repete-se o nome milhares onde o cronista pôe «açores». Evidentemente a intenção dele ao escrever *astures seu açores* era indicar que com a palavra *astures* ele queria designar a ave conhecida em Portugal pelo nome de açor.

(4) *Coleção* p. 12 e 13.

(5) *Coleção* p. 15.

A data do seu povoamento animais quadrúpedes; que as aves que cá se encontravam eram mansas e vinham á mão, como os açores; segundo Martim de Behaim seria essa a razão do nome que lhe deram; segundo Valentim Fernandes a origem do nome seria existirem cá açores, de que fala Diogo Gomes, mas a que não alude Martim de Behaim.

Aparece portanto aqui uma dúvida e importante. Havia ou não açores nestas ilhas, quando cá chegaram os portugueses?

Esta mesma pregunta teria formulado Gaspar Frutuoso, o meticoloso cronista açoreano dos fins do século XVI.

Frutuoso, ao enumerar as aves que havia em S. Miguel ao tempo do povoamento (7) aves ácerca das quais ele dá minuciosas e interessantíssimas informações, diz:

«Posto que muitas aves vieram aqui de fóra a esta terra, nela se acharam algumas marreiras de pombos, como naturais dela, uns pretos, que chamavam pombos da serra, que matavam ás trochadas com paus e aguilhadas e com lanças, nos paus e nas árvores, tão tolos eram... Estes eram da terra. Outros houve cinzentos, que chamavam torcazes, que eu cuido serem naturais, mas alguns dizem que vieram depois aqui de fóra...»

«Também se acharam nesta ilha pardelas, estapagados e garajaus...»

«De melrás houve e há tanto número que davam trinta, quarenta por um vinte...»

«Antes da era de 1510 não havia aqui cordonizes, pelo que parece então as mandou trazer Rui Gonçalves da Câmara...»

«O capitão Manuel da Câmara mandou trazer perdizes...»

«Ha nesta ilha infinitade de pássaros de diversas sortes, canários, toucineras, tentilhões, algumas alvóreas, e outros de várias sortes...»

«Ha também aqui pêtos e uns pássaros muito mais pequenos que as carriças de Portugal, de cor parda, verde e amarela que tem uma estrelinha na testa mui amarela e são muito mansos (*forfolhas*); e outros ha que chamam príolos... Também se vêem aqui andorinhas, em alguns tempos e vem de fóra falcões, açores, corvos, patas bravas e outras aves grandes e pequenas não conhecidas, e rôlas, afóra as que mandou trazer o conde D. Rui Gonçalves da Câmara, das quais já se acham e matam algumas junto das rochas.»

E, nesta relação tão meticolosa, acrescentada com pormenores que é muito interessante ler no original, não se refere Frutuoso aos açores senão para dizer que eles vêm de fóra, como outras aves de arribação, falcões, corvos e patas bravas...»

Voltemos agora á *Coleção dos documentos relativos ao descubrimento* e vamos ler a transcrição de parte do livro 6º das *Saudades da Terra* (8), que ainda não foi publicado na íntegra.

(1) *Saudades da Terra*, Livro IV, cap. LV.

(2) p. 71 da *Coleção*.

Aí diz Frutuoso:

«Esta Ilha de S. Miguel e a de Santa Maria com outras sete que estão para oeste, afastadas não muitas léguas, se chamam dos Açores, segundo alguns, pela muita criação que deles havia nelas, quando os descobriram, e ainda há alguns, posto que poucos e há tempos já como adventícios de outras ilhas ou terras, e não naturais nelas nascidos e criados; assim que não são tantos, como soiam, o que causam as povoações que nelas se fizaram, os quais açores são mais alvos que os de Irlanda, posto que não sejam de tão forte presa, são mais ligérias e de muito melhor relé; outros (como teho dito) afirmam chamarem-se estas ilhas dos Açores, pelos muitos milhafres que nelas há e havia, quando se elas descobriram, que com eles se pareciam, e, cuidando os primeiros descobridores serem açores os milhafres, lhes puseram este nome de ilhas dos Açores».

Quere dizer, no tempo de Frutuoso, a pouco mais de um século do povoamento do arquipélago já não havia açores senão de arraiação (1).

E que já nesse tempo havia dúvidas sobre a origem do nome do arquipélago também é verdade. Frutuoso, custando-lhe naturalmente a acreditar que tendo havido tanta abundância de açores, como refere Diogo Gomes, desaparecesssem em tão pouco tempo, e não tendo conhecimento da inscrição no globo de Behaim e da razão apresentada por este, para explicar o nome do arquipélago, voltou-se para uma hipótese que desde então tem sido geralmente aceite: a da confusão dos milhafres com açores.

A presença do milhafre aqui, antes do povoamento das ilhas, é, porém, duvidosa por razões óbvias: o milhafre alimenta-se principalmente de pequenos mamíferos que aqui não existiam; por outro lado é uma ave de hábitos sedentários, pouco dada a viagens de longo curso, chamemos-lhe assim; a tal ponto que ainda até hoje o milhafre se não propagou nem nas Flores nem no Corvo.

Estas dúvidas mostram-nos bem a dificuldade do assunto, posta aliás em foco no trabalho de MM. De Chavigny e N. Mayaud.

E, depois de tantas cunseiras, em consultas e conjecturas, continuamos a ignorar quasi tudo.

Uma conclusão parece porém andar a lume de todas estas incertezas: é que nenhumha espécie de vertebrados existiria nos Açores, há cinco séculos, que não tivesse sido aqui introduzida pelos seus próprios meios. Nenhum mamífero, nem mesmo o morcego, que é difícil de conceber que podesse atravessar centenas de léguas vendo sem descanso. Muito poucas aves. Apenas aquelas cuja adaptação se tornava possível aqui: aves marinhas principalmente.

(1) É de notar que nunca foi nos modernos tempos, a que o qualquer ave de arribação nestas ilhas, nem é de admirar dadas as baixas temperaturas da terra espécie. Apenas se tem capturado o francelho (*Tinamus*).

À introdução das aves terrestres havia e ha ainda hoje, um óbice importante. É que o continente que nos fica mais perto é precisamente aquele donde com menos frequência sopra o vento. Não acontece o mesmo á Ilha da Madeira, mais próxima da Europa que os Açores e submetida a um regime de ventos de nordeste que muito facilita o vôo das aves do continente para lá.

No nosso arquipélago o homem tem sido e será sempre um agente modificador da fauna, dos mais importantes. Até mesmo da fauna ornitológica.

*

Uma conclusão a que os snrs. De Chavigny e Mayaud chegam — e importante — é que as espécies que nidificam nos Açores pertencem estritamente á fauna paleártica, não havendo portanto elementos de origem americana ou exótica, como acontece, embora em pequena escala, com outras classes de animais (1).

Seguindo depois a orientação traçada por Godman procuraram estabelecer em primeiro lugar quais as espécies que se podem considerar como relíquias da era terciária, chegando a uma conclusão negativa, mesmo para o príolo.

E para notar, dizem os autores, que na Madeira e nas Canárias existem espécies que parecem datar da era terciária. Ha, porém, nos Açores cinco espécies que não nidificam na Madeira e são: o galeirão (*Fulica atra*), a galinha d'água (*Gallinula chloropus correiana*), a marreca (*Anas platyrhynchos*), o maçarico (*Oenanthe oenanthe*), e o estorninho (*Sturnus vulgaris granti*).

«Todas as outras espécies, continuam, são representadas na Madeira e nas Canárias por raças muito parecidas ou idênticas».

E, depois de enumerarem lado a lado as espécies dos Açores e as correspondentes da Madeira e das Canárias, continuam:

«Tem-se atribuído a existência na Madeira e nos Açores do pombo de rocha a introdução artificial: as pombas bravas actuais seriam descendentes de pombas domésticas; o melanismo quasi constante destas aves é o principal argumento a favor desta hipótese. Voltaremos mais adeante a esta questão, mas podemos notar,

(1) A não existência de elementos americanos na avifauna açoreana seria tanto mais para admirar quanto é certo que a distância do grupo ocidental dos Açores á América do Norte (terra Nova) não é muito superior á distância do mesmo grupo ao continente europeu. O predominio dos ventos do quadrante de oeste nos Açores levaria também a supor que a invasão das ilhas por aves americanas não seria difícil.

A verdade porém é que a fauna da região americana mais próxima dos Açores não se adapta facilmente a estas ilhas que gozam dum clima muito mais suave. É assim que os papagaios do mar (*Fratercula arctica*) e uma outra espécie da mesma família, os *Alle alle*, aparecem com certa frequência no arquipélago, arrastados pelos ventos, mas não se fixam aqui, apesar de viram ás vezes aos centenares.

AÇOREANA

124

desde já, que se a tradição referida por Drouet é verdadeira, ela por si só destroi esta hipótese.

Como atrás vimos Drouet diz — parafraseando Frutuoso — que as pombas ao tempo do descobrimento das ilhas eram tantas e tão mansas que vinham pousar nos ombros dos homens. Sendo a pomba uma ave de vôo curto, que não poderia portanto chegar a estas ilhas com as suas próprias asas, a sua existência aqui, seria um argumento a favor da hipótese de que os Açores tivessem feito parte, anteriormente, de um continente atlântico — da Atlântida. Não acreditamos. Frutuoso não afirma categóricamente que cá houvesse pombas. Algures diz ele que havia cá áves *famunhas como pombas* e que se deixavam apanhar... Dali provém provavelmente a confusão.

Mas, prossigamos na exposição dos autores em tão interessante matéria:

«Um caso curioso é o da codorniz. A raça açoreana *c. c. conturbans* é extremamente parecida com a *africana* e, embora seja verossímil que o povoamento se fez pelas Canárias e pela Madeira, a raça destas ilhas *confusa* é mais distinta da *africana* e da *conturbans* que estas são uma da outra. Parece pois que a influência do meio se fez sentir mais fortemente na Madeira e nas Canárias, do que nos Açores...»

É possível que sejam análogos os casos de *Astro otus* (*mochot*) e de *Sylvia atricapilla* (*toutinegra*), representados nos Açores pelas suas raças centro-europeias e não pelas suas raças madeirense e canariense, a não ser que o povoamento se tenha feito directamente do continente.

«É bem difícil ter uma opinião no que diz respeito à forfolha (*Regulus egulus*) e o mesmo para os milhafres. *B. b. rothschildi* dos Açores é muito parecido com *B. b. insularum* das Canárias. *B. b. harterti* da Madeira é francamente maior e mais escuro... Parece que os milhafres das ilhas atlânticas tem evolucionado mais ou menos segundo a influência maior ou menor do meio respectivo.

«Mencionaremos de memória três espécies, ao que se diz, introduzidas pelo homem: a perdiz (*Alectoris rufa*)...; o verdelhão (*Chloris chloris*) que não se encontra, nem na Madeira, nem nas Canárias, e o pintassilgo (*Carduelis carduelis*)...»

«A ausência nos Açores de certos grupos particularmente bem representados na Europa e na África Menor é notável: Corvideos, Alaudídeos, Ploceideos (Pardais), Hirundinídeos, Cipselídeos, Caprimulgídeos, etc. Algumas espécies destas famílias habitam a Madeira, as ilhas de Cabo Verde e sobretudo as Canárias, parecendo terem-se ali estabelecido há pouco tempo por terem evolucionado pouco ou nada.

«No conjunto as afinidades da avifauna açoreana com a das outras ilhas açorianas parecem ser muito grandes. Quere isto dizer que devemos considerar as espécies atlânticas, que constituem o fundo da avifauna dos Açores, como relíquias dum continente desaparecido? Não o cremos, pois, como já dissemos, as relíquias miocénicas deveriam

ser de origem europeia, ou, talvez, muito evoluções e não, como sugeriu, que as ilhas Açorianas sejam mais vizinhas, ou extremamente parecidas com elas.

«É verdade que ignoramos o tempo que é necessário para que caracteres de raça possam fixar-se. A influência do meio pode fazer-se sentir mais ou menos fortemente; a da Madeira pode ter sido mais energética que a dos Açores. O grau individual de plasticidade das espécies intervém também numa grande proporção e a insularidade favorece certamente a evolução.

«As investigações de Moreau no Egípto tendem a fazer admitir que foram necessários 5 a 10.000 anos para a fixação de algumas raças egípcias. Por outro lado Wetmore baseando-se na notável semelhança dos fósseis pleistocénicos com as formas actuais, emitiu a opinião de que a evolução das formas deve ter sido sensível sobretudo nos tempos terciários e que, a partir do pleistoceno, a plasticidade das formas se reduziu, começando ao mesmo tempo uma era de exterminio, de eliminação de espécies, sobretudo daquelas que, pela sua extrema velhice, tinham uma vitalidade muito fraca.

«Se aproximarmos destes dados o facto dos Açores se acharem isolados desde o mioceno; de terem sofrido convulsões vulcânicas até ao plioceno, das raças de aves açorianas, de origem europeia continental ou atlântica não terem evolucionado no seu conjunto, parece que o povoamento de aves, nos Açores, não é muito antigo: dataria do fim do terciário e mesmo, para algumas espécies, do quaternário. É assim que é possível que a vinhagreira (*Erythacus rubecula*) não viva nos Açores senão após os tempos históricos; é curioso que Frutuoso, não tenha citado esta ave tão familiar. No que diz respeito ao mocho (*Astro otus*) que ele também não menciona na sua lista é raro nos Açores e pode muito bem ter escapado à observação dos primeiros colonos.

«O povoamento de aves nos Açores parece por isso posterior ao isolamento do arquipélago (¹): ele teve, origem em grande parte, sem nenhuma dúvida, em aves da Madeira. Apenas 850 quilómetros separam os dois arquipélagos; e quem nos diz, além disso, que não tenham existido, numa época dada, ilhas ou arquipélagos interpostos, podendo servir de etapas? É assim que, verdade seja numa direcção oposta à Madeira, 900 quilómetros ao norte dos Açores, foi notada a presença de correntes de lava submersa, lava formada ao ar livre (²). Ilhotas vulcânicas análogas poderiam ter emergido em certa época, entre os Açores e a Madeira. Mas não é mesmo necessário supor a existência

(¹) Não poderia ser anterior senão no caso da separação da Madeira e dos Açores se ter efectuado numa época mais recente que o mioceno, época geralmente admitida. (Nota dos autores).

(²) Esta afirmação baseada na tese de L. Germain é hoje contestada. Trata-se de troços que deve ser de formação submarina.

dessas ilhas para explicar que aves da Madeira tenham vindo povoar os Açores, transpondo uma distância relativamente pequena para elas.

«E o que parece confirmar que o povoamento de aves nos Açores não se fez senão depois de efectuada a separação da Madeira, é que os Açores tem um número bem mais restrito de nidificadores do que este último arquipélago; as Canárias, tendo tido emigrações continentais até uma época recente, tem, pelo contrário, muito mais.»

As considerações dos autores que aí ficam expostas merecem algumas observações. A ideia de que entre os Açores e a Madeira tivessem existido outras ilhas não se pode refutar.

O nosso conhecimento da tectónica do Atlântico é insuficiente para afirmar ou negar a existência de tal ilhas, como se encontra noutro trabalho publicado neste fascículo da *Açoreana*. A probabilidade porém é que tais ilhas nunca tivessem existido e muito menos ainda que se tivessem formado e depois desaparecido.

O facto do número de espécies nidificadoras ser maior na Madeira do que nos Açores explica-se talvez pela circunstância de estar aquela ilha numa zona de ventos que sopram habitualmente do lado da Europa ou do norte da África, como já dissemos. Enquanto as Canárias estão tão perto da África que não admira que possuam um número de espécies ainda maior.

No que diz respeito à vinda de aves da Madeira para os Açores não nos parece, como já dissemos, ser tão fácil como se afigura á primeira vista a quem não conhece *de visu* estas regiões; não esqueçamos — e os autores em certa altura do seu trabalho referem-se a isso — que há ainda hoje bom número de espécies que não são comuns a todas as ilhas. E uma delas é o milhafre, que não se pode acusar de mau viajador.

*

Ainda sob a epígrafe de «considerações gerais» é do maior interesse o que expõe depois os autores sobre as variações da avifauna açoreana desde o povoamento das ilhas; a distribuição das espécies nidificadoras pelas diferentes ilhas; as tendências morfológicas gerais entre os nidificadores açoreanos. Não nos é possível, porém, apresentar aqui senão aspectos do seu trabalho, que tem um interesse mais geral, como são aqueles que acabamos de reproduzir e analisar. Ninguém haverá realmente interessado no problema estritamente ornitológico do arquipélago que não tenha de compulsar o trabalho em questão e outros a que aqui também fazemos referência.

*

Passando ao estudo do material que lhes foi dado examinar, os autores descrevem espécie por espécie as aves açoreanas, fixando os seus caracteres e criticando as opiniões já emitidas sobre cada uma,

produzindo um trabalho exaustivo, destinado, como já dissemos, a enfileirar no primeiro plano dos clássicos deste assunto.

«Não poderemos também senão fazer uma breve análise desta parte da obra, que nos dará margem a referirmo-nos também aos outros trabalhos recentes sobre a ornitologia açoreana, que citámos ao começo.»

Devemos dizer que, se a parte de caracterização das espécies, que pertence a M. Noël Mayaud, merece a nossa admiração pela meticulosidade e alto espírito científico, com que está feita, a respeitante á oologia, de que se incumbiu M. De Chavigny, é o espelho da competência mundialmente reconhecida desse ilustre ornitologista nessa especialidade sobretudo.

Para brevidade vamos fazer apenas referência ás espécies nidificadoras e a outras mais importantes. E, se não fosse o facto de avaliarmos a impossibilidade em que se encontram alguns leitores interessados, de poderem compulsar os trabalhos originais, nem isso mesmo fariamos, pois nada poderá suprir a sua consulta.

*

Os srs. De Chavigny e Mayaud seguem a classificação de Wetmore (¹). É também a seguida pelos srs. Murphy e Chapin, a cujo importante trabalho vamos agora ter também ocasião de nos referirmos.

Passamos á enumeração das espécies:

1. *Puffinus puffinus puffinus* (BRÜNN).
2. *Puffinus kuhli borealis* CORY.

A segunda destas espécies é o cagarro, bem conhecido em todo o arquipélago. A primeira é o frulho ou cagarro pequeno, mais raro, parece que por viver mais ao mar. Será porventura a ave a que Frutuoso chamava «estrapagado», sendo o cagarro conhecido então pelo nome de «pardela», que algumas aves desta família tem ainda hoje no continente. Frutuoso fala contudo também em cagarros. Noutra ocasião dedicaremos algumas considerações nossas a este assunto.

Tanto os srs. De Chavigny e Mayaud, como os srs. Murphy e Chapin dedicam grande atenção á segunda espécie (C. e M. p. 305, M. e C. p. 3) (²). A primeira é exclusivamente tratada por C. e M. p. 304.

(¹) *A systematic classification for the Birds of the world*. Proc. U. S. Nat. Museum, 1930.

(²) Assinalaremos com as iniciais C. e M. o trabalho dos srs. De Chavigny e Mayaud, e com as iniciais M. e C. o dos srs. Murphy e Chapin.

AÇOREANA

3. *Oceanites oceanicus* (Linnaeus).

C. e M. p. 308. É a ave da praia, a amarela dos nossos homens do mar. Há, porém, outras espécies, designadas também entre nós pelo mesmo nome (*O. leucorrhoea*, *Oceanites oceanicus*, *Bulweria bulweri*). Não são muito freqüentes e confundem-se umas com as outras, aos olhos dos leigos.

4. *Buteo buteo rothschildi* SWANN.

É o milhafre ou queimado, conhecido em todo o arquipélago, excepto nas Flores e Corvo, onde não existe. Ave útil pela grande destruição que faz nos ratos, embora perseguida inadvertidamente pela gente do campo, a quem de vez em quando devora alguma galinha. C. e M. p. 309. M. e C. p. 5.

É a única ave de rapina diurna, do arquipélago; um tanto frequente nas épocas de passagem é o francelho (*Certheneis tinnunculus tinnunculus*). M. e C. p. 6.

5. *Alectoris rufa* subsp.?

A perdiz vive hoje apenas em Santa Maria e no Pico, não havendo elementos suficientes para a fixação dos seus caracteres até à sub-espécie. C. e M. p. 312.

6. *Coturnix coturnix conturbans* HARTERT.

A respeito da codorniz dos Açores e dos caracteres que a distinguem das codornizes da Madeira, da África, e do continente, já alguma coisa dissemos atrás. C. e M. p. 313. M. e C. p. 6.

7. *Gallinula chloropus correiana* MURPHY and CHAPIN.

A galinha d'água, que abunda no paul da Praia, na Ilha Terceira, foi classificada pelos snrs. Murphy e Chapin como uma sub-espécie nova a que deram o nome de *correiana* em homenagem ao snr. J. G. Correia, a quem já tivemos ocasião de nos referirmos. M. e C. p. 7. C. e M. p. 313.

8. *Fulica atra atra* (Linnaeus).

O galeirão vive também no paul da Praia, na Terceira, mas até agora não nos foi possível obter ainda uma postura desta ave. M. e C. p. 9.

9. *Charadrius alexandrinus* (Linnaeus).

O maçarico que se encontra em grande abundância por exemplo na Achada, na Ilha Terceira, parece pertencer á raça *alexandrinus* europeia e não á raça *spatzi* do Rio do Ouro. C. e M. p. 314. M. e C. p. 9.

É possivelmente de introdução recente nos Açores, onde actualmente nidifica.

10. *Scolopax rusticola rusticola* (L.).

A galinhola, comum nas ilhas, não se diferencia notavelmente da raça do continente europeu.

11. *Larus fuscus atlantis* DWIGHT.

A gaivota, ou «garça» dos Açores, que se vê em todas as costas do arquipélago e aparece também no interior das ilhas, especialmente perto das lagoas, foi classificada por Dwight (*) como uma raça especial *atlantis* da espécie *Larus fuscus*. Murphy e Chapin admitem esta classificação (M. e C. p. 10). De Chavigny e Mayaud, porém, embora admitindo que se trate dum raça *atlantis*, incluem-na na espécie *L. cachinans*, e justificam largamente a sua opinião, estabelecendo também as razões que os levam a não a julgarem pertencente á espécie *L. argentatus*, como alguns pretendem.

Esta incerteza é um exemplo bem frizante das dificuldades que se deparam mesmo aos naturalistas mais autorizados, ao classificarem aves muitas vezes vulgares.

12. *Larus ridibundus ridibundus* (L.).

Classificada por M. e C. p. 10 como *Hydrocoloeus ridibundus ridibundus* é uma gaivota pequena, comum no arquipélago desde Outubro até Abril. Temos observado regularmente esta espécie e somos levados á conclusão que habita normalmente os Açores entre os meses citados, vindos da Europa do Norte.

Como a época da sua chegada coincide com a da partida dos garajaus (*Sterna hirundo*) os próprios pescadores confundem muitas vezes duas espécies.

13. *Sterna hirundo* (L.).

O garajau é conhecido em todas as costas dos Açores onde o seu

(*) Description of a new race of Black-backed Gull from the Azores. Atrás citado.

aparecimento anuncia a primavera. Largamente tratado por M. e C. p. 11 e por C. M. p. 323.

14. *Sterna dougallii dougallii* MONTAGU.

M. e C. p. 11 estabelecem definitivamente a existência desta espécie de gaivau nos Açores. C. e M. p. 327 confirmam a sua nidificação no arquipélago.

Temos observado esta espécie em menor quantidade do que a anterior, vivendo indivíduos dum a e outra conjuntamente. A espécie anterior porém é a que se aventura mais facilmente até junto dos cais e dos pesqueiros.

15. *Columba palumbus azorica* HARTERT.

O pombo torcaz dos Açores que não se encontra nas ilhas de Santa Maria, Flores e Corvo, foi tido por Hartert como uma raça especial. C. e M. p. 327 confirmam esta opinião.

16. *Columba livia livia* OM.

C. e M. (p. 329) não distinguem a pomba de rocha dos Açores da raça da Europa continental não concordando portanto com Bannerman que a tem por uma raça especial *atlantis* (conjuntamente com a da Madeira).

M. e C. (p. 11) afirmam, por seu lado, tratar-se evidentemente de descendentes de pombos domésticos.

A tendência para o melanismo foi já anteriormente acentuada.

17. *Asio otus otus* (L.)

O mocho dos Açores não é ave vulgar. C. e M. (p. 331) como M. e C. (p. 14) concordam em não lhe achar diferença do mocho da Europa, em cuja raça o incluem.

18. *Turdus merula azorensis* HARTERT.

A raça especial do melro preto dos Açores, estabelecida por Hartert, é confirmada por C. e M. (p. 332) e por M. e C. (p. 18).

19. *Erythacus rubecula rubecula* (L.).

A vinagreira dos Açores (ou papinho) é idêntica à do continente. C. e M. p. 334, M. e C. p. 17.

E por ventura de introdução recente.

20. *Sylvia atricapilla atricapilla*.

A toutinegra dos Açores pertence à mesma raça que a do continente. C. e M. p. 336. M. e C. p. 16.

É frequente o aparecimento de indivíduos desta espécie com uma forma especial de melanismo, caracterizada pela coloração preta, aveludada, da cabeça, pescoço e parte superior do peito. Os «touros vinagreiros» como vulgarmente se lhes chama, aparecem também na Madeira, embora a raça de toutinegras da Madeira seja diferente (*s. a. heinecken*).

21. *Regulus regulus azoricus* SEEBOHM.

22. *Regulus regulus inermis* MURPHY and CHAPIN.

São duas raças da mesma espécie e conhecidas ambas pelo nome de forfolla ou estrelinha. A raça *azoricus* vive em S. Miguel; a raça *inermis* nas outras ilhas, com exceção do Corvo e da Graciosa.

Murphy e Chapin que estabeleceram a raça *inermis* justificam o facto largamente no seu trabalho (p. 15). C. e M. aceitam e confirmam a distinção entre as duas raças (p. 340). Todos os exemplares da raça *inermis* examinados por M. e C. «são suficientemente mais claros e mais acinzentados na superfície ventral (do que os da raça *azoricus*) para que os adultos de uma e outra raça se possam distinguir num relance, qualquer que seja a condição da plumagem ou a época do ano». M. e C. p. 16.

23. *Motacilla cinerea schmitzi* TSCHUSI.

A labandeira dos Açores pertence à mesma raça que a da Madeira. C. e M. p. 343. M. e C. p. 14.

24. *Sturnus vulgaris granti* HARTERT.

M. e C. (p. 19) apresentam reticência em distinguir a raça dos estorninhos dos Açores, da raça típica *vulgaris*. C. e M. (p. 346) não encontram também senão diferenças insignificantes.

25. *Fringilla celebs moreletti* PUCHERAN.

O tentilhão dos Açores apresenta caracteres distintos do tentilhão da Madeira (*F. C. maderensis*). M. e C. p. 20. Confirmado num largo exame por C. e M. (p. 416).

26. *Pyrrhula pyrrhula marina GOODMAN.*

O pírola merece sem dúvida o epíteto que lhe deu Chaves⁽¹⁾ de «ave mais interessante dos Açores». M. e C. (p. 20) referem-se largamente a esta espécie, condenada a desaparecer, se não for devidamente protegida. C. e M. (p. 420) também lhe consagram o espaço que ela merece, confirmando a diferenciação dos seus caracteres.

27. *Serinus canarius canarius* (L.).

O «canário da terra» é tratado também com desenvolvimento por C. e M. (p. 424), especialmente a parte referente aos ovos desta raça. M. e C. também dele se ocupam (p. 22).

28. *Carduelis carduelis parva TCHUSI.*

O pintassilgo é de introdução recente e vive apenas em algumas das ilhas dos Açores. C. e M. p. 426. M. e C. p. 23.

29. *Chloris chloris aurantiventris* (CAB).

O verdelhão é de introdução muito recente em S. Miguel. Parece que se tem espalhado ultimamente na Terceira, mas não podemos afirmá-lo. C. e M. p. 428.

É esta a lista das espécies que averiguadamente nidificam nos Açores ou ali passam regularmente uma parte do ano⁽²⁾, embora fóra da época da nidificação. Esta lista por si só atesta a pobreza da avifauna açoreana, que nem por isso deixa de apresentar problemas interessantes e por vezes difíceis aos naturalistas.

Apresentam os srs. De Chavigny e Mayaud uma grande lista de

(1) Op. cit.

(2) Algumas outras espécies nos tem sido assinaladas como vivendo com alguma regularidade algumas ilhas ou mesmo nidificando aqui. A melhor — a única — forma de demonstrar tal facto consiste em obter pelo menos uma postura das aves em questão, notando o dia e local da colheita e esvaziando com todo o cuidado os ovos por forma a poderem ser examinados por pessoa competente.

Os ovos esvaziam-se com um pouco de paciência fazendo-lhes um único furo, muito pequeno, onde se introduz uma palhinha pela qual se vai soprando devagar até fazer sair pelo mesmo orifício todo o conteúdo do ovo. Os ovos vazios devem ser conservados fóra da ação da luz até serem examinados.

Aos sócios da Sociedade Afonso Chaves ou a qualquer outra pessoa interessada prestaremos a este respeito as informações que nos peçam e promoveremos o exame dos ovos por pessoa competente. (J. A.)

nos Açores, que lhe fornecemos, e que dia a dia tem sido acrescentada com novas observações. Desses aves de passagem nos ocuparemos porventura mais tarde nesta mesma revista.

Os srs. Murphy e Chapin incluem também na sua lista algumas aves capturadas nos Açores, que tiveram ocasião de examinar, mas que não podem ser incluídas na fauna açoreana por serem aves de passagem, ou transviadas.

J. AGOSTINHO.

NOTA. — As pessoas desejosas de adquirirem os trabalhos ornitológicos referidos na resenha acima publicada, podem dirigir-se: para o trabalho dos srs. De Chavigny e Mayaud à Administração de Alauda [Revue Ornithologique] 97, rue de Vaugirard, Paris, e para o trabalho dos srs. Murphy e Chapin, ao American Museum of Natural History, New York.

(Nota do Editor).